

## Da obstinação

**Mafalda Correia**

A traça esvoaçava com asas amarelecidas pela dieta de papel decomposto, gorda de biblionecrofagia, a luz atravessava-lhe as frestas de transparência enquanto desovava, sem pudor, gerações no quarto do meu amigo.

Ele montava a armadilha junto ao bicho esvoaçante, um prisma triangular com aberturas de onde saíam fragrâncias e feromonas apelativas. O que nos atrai é o que nos mata. O macho segue uma simulação de feromonas da fêmea. A fêmea segue o que pensa ser a oportunidade de uma refeição. Na necessidade encontra-se a fraqueza. É perverso que a morte atraia. O voo estúpido, instável como o de quase todos os insectos, descreve eixos sem aparente objectivo, mas que procuram a orientação da Lua.

O meu amigo oscilava entre o frenesi e a apatia. Há meses que tentava salvar a sua relação amorosa. Alguém nos ensinou que não é aceitável desistir. Desistir é deitar fora um investimento. Tudo o que funcionou tem de funcionar perpetuamente.

Não se espreitam armadilhas. Colocamo-las num pequeno espaço escuro e fechado e esquecemo-nos delas até ser hora de as descartar. Cadáveres acumulados em decomposição, escondidos ao lado da roupa que vestimos todos os dias.

A traça entrara na armadilha. Mas não está caída, morta fulminantemente pelas exalações laboratoriais. As patas com espessura de um milímetro estão coladas à tira de cola, as pernas esticadas até ao limite, como se não tivesse articulações. Tenta projectar-se para o céu, mas os pés pesam-lhe, sem que entenda o motivo. O corpo estrebucha. As asas de papel crepe, enrugadas e luminescentes, afastam-se minimamente do corpo como se não pudessem levantar-se sem a propulsão das patas. A ciência militar permite a morte à distância, imediata e calculada. Na guerra aos insectos opta-se pelo envenenamento, electrocussão, mutilação, prisão, sufocamento, morte pela fome, sede, dor. Mata-se com o mínimo investimento e sem consideração.

Numa qualidade há gradações entre dois extremos. A língua permite a dualidade dos conceitos. Por isso, a diferença entre teimosia e perseverança está no contexto e no observador.

A traça está à espera da morte, paralisada, estremecendo enquanto se lhe juntam outras da sua espécie, desavisadas mesmo com a presença da figura ominosa, qual sinal de perigo.

Insistimos obstinadamente no que já não resulta. Em relações que não resultam, trabalhos, coabitações, hábitos, desgostos. Ninguém nos ensinou que a agência de termos o destino nas mãos - ou, pelo menos, a ilusão de ter - supera a sensação de impotência de não nos responsabilizarmos pelo que é melhor para nós, um estado auto-perpetuador que nos prende na inércia. Insistimos com boas intenções, sem perceber que, às vezes, a morte rápida e misericordiosa é a mais higiénica.

Com um pedaço de papel, o meu amigo tenta levantar o corpo da traça, mas as patas têm a força de um fio de cabelo, são esticadas para além da sua elasticidade, o corpo estrebucha, talvez decepe as pontas das patas, diz o meu amigo, será que pode voar sem as pontas das patas, descola-se uma, mas o levantar de uma pata inclina o corpo para a frente e cola o canto de uma asa, ela estremece com mais intensidade, gritaria se pudesse, o meu amigo coloca uma pinça delicada e cirurgicamente debaixo do corpo, mas este, descontrolado, estremece e a asa cola-se por inteiro, com cabeça fria será possível retirar a traça do sítio onde foi parar por sua culpa, cada membro libertado é substituído por outro, são cada vez mais pontos para descolar, foi ele que pôs a armadilha mas jura que não sabia as condições da morte, as asas aglutinadas pelos cantos e a traça estremece, enganaram-me, não havia nada sobre isso nas instruções, o papel não tem velocidade para parar o progresso da morte, as mãos tremem, ele sustém a respiração, as asas coladas, as patas coladas, a traça luta por manter o abdómen afastado, como por instinto, mas perde as forças e cola-se uma pequena parte, depois do abdómen o caso está perdido, não há retorno após atingir os órgãos vitais, mas ele continua a tentar retirar aquele assombro, não vale a pena, disse-lhe, porque não a matas já, o meu amigo que nunca quis saber de animais, muito menos de insectos, está branco como a cal, parece prestes a vomitar, enjoado com o cenário, e o que ele não sabe é que o maior enjoio que sente é consigo próprio.

O abdómen cola-se por completo, o bicho agoniza, contrai-se e expande-se, como uma pequena larva sem asas, retornada aos estados iniciais, sem patas, um semi-cadáver agarrado à vida, talvez estrebuche pela agonia da tortura a que é sujeitada ou talvez seja apenas um reflexo, e o meu amigo tenta salvar

um abdómen sem asas, sem patas, dói muito, um tronco de quatro milímetros que testemunha a sua loucura, não era nada disto que eu queria, diz-me ele, a testa a suar, não era isto que vinha nas instruções, o estômago revira-se, treme incontrolavelmente, enfim um último pedaço amarelo ainda estremecente agarra-se à vida, preso na cola, desprende-se e morre.

Na armadilha há um vulto do que foram asas rodeado de um pó desfeito, em que mal se intui o que voara antes. Mas o meu amigo não esquece.